

# Histórico e o uso da “salsa parrilha” (*Smilax* spp.) pelos boticários no Mosteiro de São Bento

Maria Franco Trindade Medeiros<sup>1</sup>, Luci de Senna-Valle<sup>2</sup> e Regina Helena Potsch Andreat<sup>3</sup>

## Introdução

Desde o início da colonização da América tropical, a extração de recursos vegetais das florestas constituiu a base de importantes negócios estabelecidos entre os mercadores vindos para as colônias e as metrópoles européias. Uma das plantas cujo uso medicinal tanto por parte dos espanhóis como por parte dos portugueses foi documentado desde o século XVI foi o da salsaparrilha (espécies de *Smilax*), tendo sido um dos principais produtos de exportação das terras do ultramar até fins do século XIX [1,2].

No decorrer do século XIX, o Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro, localizado no Morro de São Bento, situado no centro da cidade, próximo à atual Praça Mauá, abrigava uma botica (farmácia) onde o recurso vegetal entrava de forma maciça na composição de medicamentos aviados por boticários, que eram os peritos da arte farmacêutica à época.

Este trabalho aborda o tema do uso da “salsa parrilha” (*Smilax* spp.) nas práticas de cura da “Botica de São Bento” durante o século XIX, através da documentação dos receituários de farmácia; a análise do histórico do uso de espécies englobadas pelo termo popular em questão, assim como a quantificação da importância do seu uso no tratamento de doenças como a sífilis, que assolavam a população carioca e de regiões adjacentes vindas ao Mosteiro em busca de cura, tornou-se o principal objeto de investigação.

## Material e métodos

O processo metodológico seguido para se chegar ao emprego da “salsa parrilha” por boticários da botica do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro no século XIX partiu da consulta de fontes primárias, em especial dos “Livros de receitas de medicamentos”, conservados nos Arquivos do supracitado Mosteiro [3].

O termo popular referente ao gênero *Smilax* L. encontrado nos manuscritos foi conservado como tal mantendo-se, portanto, a forma do texto original e, por essa razão, encontra-se citado no presente trabalho entre aspas (“salsa parrilha”).

Depois de analisar as receitas em que a “salsa parrilha” entrava na composição foram realizadas consultas a bibliografias impressas da época e referências atuais que

versassem sobre o gênero *Smilax*. Assim, apresentam-se informações quanto ao uso medicinal na Botica do Mosteiro, histórico dos usos, outros nomes populares conferidos às espécies de “salsa parrilha”, e espécies do gênero *Smilax* conhecidas vulgarmente por “salsa parrilha”.

Para a quantificação da importância de espécies de *Smilax* na prática curativa da botica foi calculado o valor de uso da “salsa parrilha” para os livros de receituário. Com base no índice expresso pela fórmula apresentada por Phillips [4], foram feitas algumas adaptações para sua aplicação ao presente trabalho:  $VU_{sl} = \sum U_{sl}/n_{sl}$ ; onde  $U_{sl}$  é o número de usos mencionados em cada receituário para a espécie  $s$  nos livros  $l$ ; e  $n_{sl}$  é o número total de receituários para a espécie  $s$  nos livros  $l$ .

## Resultados e Discussão

“Salsa parrilha” (*Smilax* spp.) compõe o elenco de plantas que eram utilizadas na “Botica de São Bento” durante o seu exercício no século XIX. O gênero *Smilax*, incluído na família Smilacaceae, que é ao todo constituída por dois gêneros, ocorre em regiões temperadas e principalmente as tropicais, englobando um universo de cerca de 300 táxons de grande aplicação na medicina popular, sendo por isso considerado o gênero mais importante da família [5,6,7]. Em várias partes do mundo é reconhecido o emprego de espécies de *Smilax* não só como medicinal (sistema subterrâneo e caule), mas também como recurso alimentício (“rizomas”, caules e folhas comestíveis) e para a construção (fibras) [1].

Dentre as *Smilax* encontram-se 19 espécies (*S. brasiliensis* Spreng, *S. japicanga* Griseb., *S. syphilitica* Humboldt & Bonpland ex Willd., *S. papyracea* Poir., *S. officinalis* Kunth, *S. campestris* Griseb., *S. cognata* Kunth, *S. fluminensis* Steud., *S. rufescens* Griseb., *S. cissoides* Mart. ex Griseb., *S. muscosa* Toledo, *S. longifolia* Richard, *S. hilariana* A.DC., *S. salsaparrilha* L., *S. aspera* L., *S. chiriquensis* Morton, *S. regelii* Killip & Morton, *S. macrophylla* Willd., *S. obliquata* Poir., *S. laurifolia* Willd., *S. medica* Schlechtendahl, *S. vanilliodora* F.W. Apt, *S. lundellii* Killip & Morton, *S. lappacea* Humb. & Bonpl. ex Willd., *S. larvata* Griseb., *S. aristolochiaefolia* Willd. e *S. febrifuga* Kunth)

1. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciências Biológicas (Botânica) do Museu Nacional/ Universidade Federal do Rio de Janeiro. Quinta da Boa Vista, São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ, CEP 20940-040. E-mail: mariafrancotm@bol.com.br

2. Professora Adjunta do Departamento de Botânica, Museu Nacional/ Universidade Federal do Rio de Janeiro. Quinta da Boa Vista, São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ, CEP 20940-040.

3. Professora Titular do Instituto de Ciências Biológicas e Ambientais, Universidade Santa Úrsula. Rua Fernando Ferrari, 75, Botafogo, Rio de Janeiro, RJ, CEP 22231-040.

Apoio financeiro: CAPES e CNPq.

denominadas pelo mesmo nome popular: salsaparrilha [1,8,9,10,11,12,13,14]. Sua distribuição vai da América Central à América do Sul, ocorrendo especificamente no Brasil 13 destas lianas, a saber: *S. brasiliensis*, *S. syphilitica*, *S. japicanga*, *S. campestris*, *S. cognata*, *S. fluminensis*, *S. rufescens*, *S. cissoides*, *S. muscosa*, *S. longifolia*, *S. hilariana*, *S. papyracea* e *S. officinalis* [5,6,8,9,15]. Estas espécies apresentam ampla distribuição no Brasil, estando presentes desde o Estado do Rio Grande do Sul ao do Ceará, inclusive no Estado do Rio de Janeiro [13]. Dentre as salsaparrilhas próprias do Brasil, é comum o emprego de outras espécies que apresentam semelhanças no aspecto morfológico e terapêutico, mas que não se tratam de *Smilax*, como é o caso da *Herreria salsaparrilla* Mart., espécie incluída nas *Herreríaceas* [16].

A “salsa parrilha”, salsaparrilha ou japecanga, como é conhecida pelos índios e caboclos brasileiros, pode ainda estar relacionada aos seguintes nomes populares: japecanguinha, japecanga-verdadeira, japecanga-mineira, japicanga, jupicanga, inhapecanga, inhapicanga, nhupicanga, salsaparrilha-de-minas, salsaparrilha-das-boticas, sarza, zarza, salsa-americana, salsa-de-espinho, salsa-do-campo, legação e dente-de-cachorro (Brasil); zas, yri'tú'kacha (denominações de uma população residente na Reserva Indígena de Kéköldi, na Costa Rica); zarzaparrilla (México, Costa Rica, Honduras, Guatemala, Equador e Peru); salsa americana e salsaparrilha de Lisboa (Portugal); raiz – da- China (denominação dada pelos portugueses à salsaparrilha do Brasil pela semelhança com a espécie chinesa - *Smilax china* Vell.); salsepareille (França) [1,10,13,14,15,17,18].

No Brasil, a salsaparrilha foi uma “grande revelação das florestas” para os portugueses, pois, além das folhas e frutos serem utilizados como condimento na alimentação dos nativos, sua raiz, órgão de maior atividade e que contém amido, smilacina, saponina, mucilagem e extrato alcoólico e aquoso, compunha preparados tônicos e entrava no tratamento de doenças venéreas, como a sífilis e, em virtude disso, “virou artigo de primeira linha no comércio com a metrópole” [13,17,18]. Tanto no passado como no momento contemporâneo da história da humanidade buscou-se a salsaparrilha por esta conter propriedades depurativa, diurética, diaforética, aperiente, eupéptica, emoliente, expectorante, antileprosa, miotônica e sudorífica [1,10,11,12,19,20]. “Apreciadíssimas pela população”, como afirmaram Rizzini & Mors [21], as diferentes espécies de salsaparrilha possuem basicamente as mesmas aplicações terapêuticas, quais sejam: função antibiótica usada em gripes, febres e resfriados e em doenças causadas por bactérias; na Medicina Tradicional Chinesa é usada para eliminar toxinas e no tratamento da sífilis; é também empregada contra a psoríase e em dermatoses e, na Homeopatia, contra eczemas, verruga, furúnculos e nos casos de gota, reumatismo, artrismo e afecções vesiculares e renais [1,11]. Caribé & Campos [10] e Duniau [22] chamam a atenção para os efeitos causados por tratamentos prolongados ou pelo excesso na ingestão do chá preparado por decocção do “rizoma” das espécies de salsaparrilha, ou seja, ultrapassar a

dosagem de três a cinco xícaras por dia, pode ocasionar náuseas, vômitos, salivação e queda de pressão.

Na Botica do Mosteiro de São Bento, a indicação medicinal da “salsa parrilha” incluía o tratamento da sífilis e de afecções cutâneas, muitas vezes advindas da primeira doença, sendo utilizada como sudorífico e depurativo, sob a forma de decocto, extrato para formar pílulas e pó para formar electuário que, nas receitas analisadas, era uma preparação composta por pós incorporados ao mel. Sua aplicação estava vinculada a outras plantas como “guaiaco” (*Guaiacum officinale* L.), “fumaria” (*Fumaria officinalis* L.), “sassafraz” (*Laurus sassafraz* L.), “páo santo” (*insertae sedes*), “bardana” (*Lappa major* L.), “batata” (*Solanum tuberosum* L.), “caroba” (*Jacaranda procera* Spreng.), “jalapa” (*Exogonium purga* Benth.), “chicória” (*Cichorium endivia* L.) e “althea” (*Althea officinalis* L.), que faziam parte da composição farmacêutica manipulada pelos boticários. Além disso, havia o emprego do “cozimento de salsa parrilha composta”. Segundo Gomes [14], faziam parte deste decocto os seguintes elementos: salsaparrilha cortada, guaiaco rasurado, sassafraz rasurado, alcaçus (*Glycyrrhiza glabra* L.) contuso, trovisco (*Daphne gnidium* L.) cortado e água. Em algumas receitas os boticários utilizavam também o “xarope de cuisinier”, um antisifilítico usualmente conhecido no século XIX por “xarope sudorífico, depurativo” ou ainda por “xarope de salsaparrilha composto”, o qual era composto por: “salsa parrilha”, “borragem” (*Borrago officinalis* L.), “rosas pálidas” (*Rosa centifolia* L.), “senne” (*Cassia senna* L.), “aniz” (*Pimpinella anisum* L.), “assucar refinado”, mel de abelhas e água destilada [15].

Com o retorno de Colombo à Europa, em 1493, o “antigo continente” descobriu uma nova doença, a sífilis [23]. Segundo Martius [24], a sífilis ou boubá, como também designada, era uma doença proveniente do “velho mundo” que, ainda no século XIX, atacava e dizimava grande contingente da população brasileira, incluindo os indígenas que a contraíam pelo contato com o homem branco. O impacto desta doença na população socorrida pelo Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro é expresso pelo índice de valor de uso da “salsa parrilha” nos livros de receituários consultados. Quando se compara o valor de uso médio de 1,97 calculado para todo o elenco de plantas presentes nos receituários (n = 178) com o valor de uso obtido unicamente para “salsa parrilha” de 2,54, tem-se a indicação da importância de espécies de *Smilax* no restabelecimento da saúde dos indivíduos atendidos.

O aproveitamento desde a época pré-colombiana do gênero *Smilax* é um bom exemplo do potencial das plantas medicinais originárias da América tropical; não somente por sua importância na medicina local, mas também como produto de exportação. Desde o século XVI até os dias de hoje, passando o conhecimento dos indígenas aos portugueses e espanhóis, a “salsa parrilha” foi sendo alvo da atividade extrativista que visa a sua utilização medicinal. Portanto, conhecer o histórico de seu uso permite propor para o presente uma utilização equilibrada, qual seja, o cultivo e não a extração direta e contínua deste recurso das populações naturais, evitando

assim sua extinção.

## Agradecimentos

Ao Dom Abade Roberto Lopes, Dom Filipe da Silva e Dom João Evangelista Martins Afonso de Paiva pela acolhida, incentivo, troca de idéias e permissão em consultar as obras necessárias à realização do presente trabalho; aos funcionários do Arquivo do Mosteiro de São Bento do Rio de Janeiro pelo pronto auxílio durante o trabalho de campo; ao PROAP pelo auxílio concedido e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de doutorado de Maria Franco T. Medeiros.

## Referências

- [1] VILLALOBOS, R.; OCAMPO, R.; DALLE, S. & ROBLES, G. 1998. Historia y etnobotânica de *Smilax* sp.. In: ROBLES, G. & VILLALOBOS, R. (Eds.). *Plantas medicinales del género Smilax en Centroamérica: actas de la reunión celebrada Del 22 al 25 de setiembre de 1997 en Turrialba, Costa Rica*. Turrialba: CATIE, Olafo, CYTED, RIPROFITO. p.61-80.
- [2] PIRES, M.J.P. 1984. Aspectos históricos dos recursos genéticos de plantas medicinais. *Rodriguésia*, 36(59): 61-66.
- [3] CÓDICE 138. Livro de receitas de medicamentos, 1837 a 1840.
- [4] PHILLIPS, O.L. 1996. Some quantitative methods for analyzing ethnobotanical knowledge. In: ALEXIADES, M.N. (Ed.). *Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual*. New York: The New York Botanical Garden. p. 171-197.
- [5] GÓMEZ-LAURITO, J. 1998. Especies del género *Smilax* en Costa Rica. In: ROBLES, G. & VILLALOBOS, R. (Eds.). *Plantas medicinales del género Smilax en Centroamérica: actas de la reunión celebrada Del 22 al 25 de setiembre de 1997 en Turrialba, Costa Rica*. Turrialba: CATIE, Olafo, CYTED, RIPROFITO. p.31-33.
- [6] ANDREATA, R.H.P. 2003. Smilacaceae. In: WANDERLEY, M. DAS G.L.; SHEPHERD, G.; GIULIETTI, A.M. & MELHEM, T.S.A. (Orgs.). *Flora Fanerogâmica do Estado de São Paulo*. São Paulo: FAPESP; RIMA, v. 3. p.323-332.
- [7] ANDREATA, R.H.P. 1997. Revisão das espécies brasileiras do género *Smilax* Linnaeus (Smilacaceae). *Pesquisas, Bot.*, 47: 7-244.
- [8] ANDREATA, R.H.P. 1997. Smilacaceae. In: RIZZO, J.A. (Coord.). *Flora Fanerogâmica dos Estados de Goiás e Tocantins*. Goiânia: UFG, vol. 21. p.7-41.
- [9] ANDREATA, R.H.P. 1997. *Revisão das espécies brasileiras do género Smilax Linnaeus (Smilacaceae)*. Tese de Doutorado, Curso de Pós-Graduação em Botânica, USP, São Paulo.
- [10] CARIBÉ, J. & CAMPOS, J.M. 1991. *Plantas que ajudam o homem: guia prático para a época atual*. São Paulo, Pensamento. 321p.
- [11] FRANCO, I.J. & FONTANA, V.L. 2001. *Ervas e plantas: a medicina dos simples*. 6ª ed. Santa Catarina, Livraria da Vida. 208p.
- [12] MORGAN, R. 1982. *Enciclopédia das ervas e plantas medicinais: doenças, aplicações, descrição e propriedades*. São Paulo, Hemus. 555p.
- [13] NEPOMUCENO, R. 2005. *O Brasil na rota das especiarias: o leva-e-traz de cheiros, as surpresas da nova terra*. Rio de Janeiro, José Olympio. 174p.
- [14] GOMES, B.A. (Org.). 1876. *Pharmacopêa Portuguesa*. Lisboa, Imprensa Nacional. 547p.
- [15] CHERNOVIZ, P.L.N. 1908. *Formulário ou guia médico*. 18 ed. Paris, R. Roger & F. Chernoviz. 2307p.
- [16] LOPES, R.C. 2003. *Herreriaceae Endlicher: Revisão taxonômica dos gêneros Neotropicais Herreria Ruiz & Pavon e Clara Kunth*. Tese de Doutorado, Curso de Pós-graduação em Ciências Biológicas (Botânica), MN/UFRJ, Rio de Janeiro.
- [17] MARQUES, V.R.B. 1999. *Natureza em boiões: medicina e boticários no Brasil setecentista*. Campinas, Editora da Unicamp. 350p.
- [18] PECKOLT, T. & PECKOLT, G. 1888. Smilaceas. In: PECKOLT, T. & PECKOLT, G. *História das plantas medicinais e úteis do Brasil: conteúdo a descrição botânica, cultura, partes usadas, composição química, seu emprego em diversas moléstias, closes, usos industriais, etc.* Rio de Janeiro: Laemmert. p.98-113.
- [19] MOREIRA, F. 1985. *As plantas que curam*. São Paulo, Hemus. 256p.
- [20] CORRÊA, M.P. 1984. *Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional. v. 6. 764p.
- [21] RIZZINI, C.T. & MORS, W.B. 1995. *Botânica econômica brasileira*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Âmbito Cultural. 248p.
- [22] DUNIAU, M.C.M. 2003. *Plantas medicinais: da magia à ciência*. Rio de Janeiro, Brasport. 146p.
- [23] GORDON, R. 1996. *A assustadora história da medicina*. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro, Ediouro. 223p.
- [24] MARTIUS, K.F.P. von. 1844. *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros*. Tradução de Pirajá da Silva, 1979, 2ª ed. São Paulo, Editora Nacional. 183p.